FREI ANTÓNIO DE BEJA E A OBRA *CONTRA OS JUÍZOS DOS ASTRÓLOGOS*

Maria de Lourdes Sirgado Ganho

Frei António de Beja (1493–s.d.) foi um monge que pertenceu à Ordem de São Jerónimo. Professou no Convento da Penha Longa. Teólogo e filósofo, reconhecido na corte, é um representante do humanismo renascentista. Na verdade, podemos considerá-lo um italianizante, ainda que as suas fontes também revelem um conhecimento dos medievais, sobretudo da patrística, ou seja aqueles que para os homens do Renascimento eram considerados, a nível teológico, os antigos ou clássicos, por oposição aos Escolásticos que criticavam. Contudo, o seu pensamento apresenta certo sincretismo, também ele presente na época, mas o modo como trata as fontes medievais Escolásticas, aponta também para uma atitude medievalizante. O seu pensamento é sincrético, pretendendo, à maneira de Giovanni Pico della Mirandola, dar conta de tudo quanto sabe. A sua obra possui um carácter teológico, revelando grande erudição e atualização.

A Obra

A sua obra é constituída por tês reflexões e uma tradução. A pedido da rainha D. Leonor, mulher de D. João II, traduz a *Epístola de São João Crysostomo – Nemo laeditur a se ipso (Ninguém é prejudicado por si mesmo)* em 1522; dedicada à mesma rainha, redige a sua principal obra *Contra os juízos dos astrólogos*, em 1523; *Breve doutrina e ensinança de príncipes*, dedicada a D. João III, em 1525; e, por fim, *Memorial de pecados*, de 1529. Todas estas obras foram impressas em Lisboa por Germamum Galharde.

Contra os Juízos dos Astrólogos

Será esta obra que iremos interpretar, dado que revela, claramente, o seu endereço filosófico-teológico.

Como o título tão bem indica, trata-se de argumentar contra os astrólogos e a astrologia, considerada, esta última, por Frei António de Beja como uma charlatanice. Esta crítica pretende responder a uma crescente valorização da astrologia nesta época, sabendo-se que na Idade Média tinha sido, praticamente, silenciada. Contudo, esta encontra no Renascimento uma grande aceitação, mesmo em figuras proeminentes da cultura renas-

centista, do século de ouro italiano. É o caso de Marsílio Ficino (1433-1499), mais tarde Girolamo Cardano (1501-1576). O horóscopo era valorizado e havia quem nada fizesse sem o consultar.

A este ascendente da astrologia opunha-se a Igreja (embora no seu interior existisse quem a valorizasse) e alguns filósofos que consideravam que, com o emergir de uma valorização do livre arbítrio, não era possível conceber que seres materiais, como os astros, pudessem influenciar seres espirituais como o homem.

Crítico, relativamente à astrologia e aos astrólogos, é Giovanni Pico della Mirandola (1463-1494), figura cimeira do Renascimento e que redigiu uma obra intitulada *Disputationes adversus Astrologiam Divinatricem*, em 1491.

Frei António de Beja, cuja erudição e atualização de conhecimento é inegável, toma como uma das suas fontes principais esta obra de Giovanni Pico della Mirandola para refutar, também ele, estas opiniões, que para ambos não passavam de charlatanice.

A Obra *Contra os Juízos dos Astrólogos*

Esta obra, redigida a pedido da Rainha D. Leonor, está dividida em duas partes. A primeira diz respeito a um prognóstico relativo a um dilúvio universal, mais forte do que o de Noé. A segunda parte, que considera principal procura dilucidar o que é "astrologia", posicionando-se sempre contra os "juízos dos astrólogos"[1].

Como refere Joaquim de Carvalho, na primeira parte a sua fonte principal é Agostino Nifo e na segunda Giovanni Pico della Mirandola (*Idem*, p. 109).

Agostino Nifo é fundamental para o que diz respeito ao dilúvio, Pico della Mirandola para a crítica à astrologia e aos astrólogos.

Primeira Parte

Esta obra é redigida para criticar e mesmo para desmontar a crença e prognóstico de um dilúvio universal, que inevitavelmente atingiria Portugal

O início da obra, como refere, coloca a questão de se dizer e "pregar" que em certo dia de Fevereiro de 1524 haverá um grande dilúvio na terra, que espantará e aterrorizará muita gente. E isto devido a uma conjugação

[1] Beja, António, Frei, *Contra os juízos dos astrólogos*, pref. e notas de Joaquim de Carvalho, Coimbra, Biblioteca da Universidade, 1943.

de planetas com o signo de peixes, que como se sabe é o signo da água (*Idem*, p. 26).

Nesse sentido, mostra que sabe que há quem defenda que existem conjugações de astros que provocam, por exemplo, secas; mas também existem conjugações com signos húmidos que provocam abundância de água.

Ora, a intenção deste seu escrito é, como refere: "aproveitar a muitos que com as novas deste falso dilúvio andam desmaiados e fora de si" (*Idem*, p. 26).

A sua tese consiste em afirmar que não se têm de aceitar tais afirmações, pois não provêm de verdadeiros astrólogos.

Pelo contrário, os verdadeiros astrólogos, bem como os santos e "os sábios teólogos" consideram estes prognósticos falsos e que, como menciona: "não será como eles dizem" (*Idem*, p. 27).

Veja-se, já, a contraposição "verdadeiros astrólogos" e "falsos astrólogos", presente no Renascimento e que alimentou muitas polémicas. A distinção entre astrologia e astronomia, como sabemos, ainda não era clara. Giovanni Pico della Mirandola refere uma boa e uma má astrologia.

Menciona Frei António: "quão pouca fé se deva dar às pessoas que usam da ciência e arte de adivinhar e deitam juízos por que dão novas de triste alvoroço ao mundo" (*Idem*, p. 27). Nesse sentido, identifica a origem desta falsa opinião sobre um dilúvio universal, referindo o Almanaque de um doutor, que assinala o dilúvio numa conjugação do sol e da lua com o signo de peixes em 4 de Fevereiro de 1524. Será este o dia do "dilúvio universal", maior do que no tempo de Noé.

Ora, Frei António, embora não refira o nome, mostra que conhece a posição astrológica de João Soffer, fundador do Almanaque que divulgou esta notícia (*Idem*, p. 28).

Este prognóstico é, com efeito, para os portugueses motivo de grande preocupação e por isso, diz: " são postos em grande temor: que não ousam alguns edificar casas: nem fazer outros edifícios: com medo que durem pouco. E outros buscam lugares postos em altos montes" (*Idem*, p. 29).

Por isso, é necessário explicar que tal não acontecerá. Nesse sentido, vai distinguir entre dilúvio universal e particular, considerando que não é possível considerar um dilúvio universal, quando muito aceita o particular.

Recorrendo a Isidoro de Sevilha e referindo a obra "ethimologias", menciona dilúvios particulares: na Grécia e em Alexandria, considerando que estes não afetaram regiões, lugares ou cidades.

No que diz respeito a Portugal considera que não há registo de grandes dilúvios, apenas uma referência a Cascais (*Idem*, p. 34).

Após estes exemplos, interroga-se acerca das razões que estão subjacentes a estes fenómenos, e nesse sentido refere razões naturais, Mas também se pergunta: "se pode vir dilúvio e poder de Deus que algumas vezes obra e governa estas coisas de baixo" (*Idem*, p. 35).

Razões naturais e Deus são fundamento para tais fenómenos, mas atribuir este poder a planetas é errado porque não possuem como nos diz: "força nem poder sobre toda a terra". E mais à frente conclui que os astros não têm poder para fazer um dilúvio universal.

E para criticar e negar as conjunções de planetas, assim como o poder dos ditos astrólogos, toma como autoridade Giovanni Pico della Mirandola e a sua obra de crítica à astrologia judiciária, concluindo que nos "planetas juntos não há maior nem universal poder" (*Idem*, p. 40).

Além disso, acerca desta questão considera que: "Nem o Senhor por sua misericórdia permitiria vir sobre a terra tão danoso dilúvio" (*Idem*, p. 41).

Na sequela desta conclusão, critica quem divulga tais falsidades, produzindo grande "alvoroço". E também critica aqueles que consideram que pode haver um grande dilúvio "nestes reinos" Portugal.

Além disso, critica os astrólogos charlatães, como Giovanni Pico della Mirandola lhes chama, que não podem ter nenhuma certeza acerca destas coisas. E acrescenta que, nem mesmo aqueles que "amam a ciência das estrelas", ou seja, os verdadeiros astrólogos a que hoje chamamos astrónomos, podem alguma vez saber uma coisa destas.

Claro, Frei António nunca se podia referir à astronomia e aos astrónomos, na sua época referiam-se os verdadeiros e os falsos astrónomos.

Se Giovanni Pico della Mirandola é, de facto, a autoridade, o teólogo vai fazer uma outra referência, que também vai tomar como uma autoridade, nesta linha de argumentação. Trata-se de recorrer ao filósofo italiano Agostino Nifo, que escreveu uma obra intitulada *De falso diluvii prognosticatione*[2], obra publicada em 1520.

Frei António considera-o um grande filósofo e matemático do seu tempo. Podemos considerá-lo, efetivamente, um homem do seu tempo. Para este pensador, já claramente renascentista, as duas fontes de autoridade, nestes acontecimentos, eram duas: as razões naturais e Ptolomeu.

Esta tese de um diluvio universal está ligada à crença no iminente fim do mundo. E Frei António vai enunciar doze causas para o fim do mundo, para poder concluir que essas não estão reunidas para que tal possa acontecer. Assim, conclui: "E portanto não é de temer este dilúvio".

[2] Nifo, Agostino, *De falso diluvii prognosticatione*, Firenze, Ed. Eredi Fillippo Giunta, 1520.

Destas "fábulas" deve fugir todo o cristão, procurando sempre "andar em o caminho e lei de Deus: crendo que ele é o criador e fazedor das estrelas"[3]. Termina aqui a primeira parte do escrito.

Segunda Parte

Na segunda parte, procura esclarecer o que é a astrologia e, ao mesmo tempo, criticar aqueles que usam a astrologia como adivinhação. E chama a atenção para que não se admirem alguns pelo facto de "repreender" uma arte tão antiga como a astrologia. E refere: "ca nem eu falo tam universal que negue ou reprove todo o exercício das estrelas" (*Idem*, p. 50).

A ciência da astrologia é uma das sete artes liberais, faz parte do quadrivium e é "arte a que chamam astrologia, que avendo nome de estrelas /…/ (são) pera saber e conhecer o curso e movimento delas" (*Idem*, p. 51).

De facto, este é um saber útil que há que preservar e mesmo acarinhar, pois é importante, pois permite que nos orientemos, sabendo o que são eixos e polos, bem como o caminho de Santiago. Esta é, uma boa e saudável astrologia.

Porém, como menciona: "Ca outra parte: segunda a que alguns por milhor falar chamam astronomia, achou a falsa imaginação dos homens, os quais deixando o virtuosos exercício da primeira, imaginaram aver algum poder em algumas particulares estrelas sobre as cousas de baxo" (*Idem*, p. 52). A partir daí começaram a fazer prognósticos sobre o que há de acontecer, apelando para conjunções de astros, prejudicando a verdade e, por isso mesmo, fazendo mal. São feiticeiros, quiromantes, magos e nigromantes, que propagam superstições. É esta falsa ciência que se propõe criticar, tendo como guia Giovanni Pico della Mirandola, cuja obra mostra conhecer, que cita e resume muitas vezes[4].

Mas, a sua preocupação é mostrar o que há de verdade nesta ciência contemplativa, que permite que se avance no conhecimento verdadeiro, que é sempre como diz: "conhecimento de cousas saudosas e proveitosas para a nossa alma"[5].

Portanto, é esta astrologia que deve ser louvada pois é "proveitosa". Este não é um saber "de piedade", mas é um saber que está apoiado na filosofia natural. Saber assente nas razões naturais, sabendo nós que é nesta época, no Renascimento, que começa a emergir claramente uma razão

[3] Beja, António de, *Op. cit*., p.50.

[4] Mirandola, Giovanni Pico, *Disputationes adversus astrologiam divinatricem,* 1493.

[5] Beja, António de, *Op. cit*., p. 54.

natural, por via do saber que se adquire com as descobertas dos portugueses, um novo mundo, uma nova natureza, bem como o constituir-se a física como ciência experimental. É o momento dos Lusíadas de Camões: "Vejam agora os sábios na escritura / Que segredos são estes na natura".

Frei António de Beja não tematiza este saber emergente, mas considera-o sem dar grandes explicações, ele acolhe-o em Giovanni Pico della Mirandola, quando este se refere à importância da "ciência natural", cujo conhecimento permite que o marinheiro, ou o agricultor possam predizer se, por exemplo, uma tempestade se avizinha. É, como nos diz Duarte Pacheco Pereira, o "império do ver e do ouvir".

Frei António, filósofo e sobretudo teólogo, mostra bem que é neste sentido que de deve compreender a astrologia, "reproduzida por doutores" Uma verdadeira sabedoria. Considera que se está no domínio do que é seguro, e que se deve valorizar. É uma boa astrologia (*Idem*, p. 55).

Mas, aquela astrologia, como refere: "que ensina lançar juízos das cousas que hão de vir, por aqueles não zelosos da honra de Deus", essa é reprovável, causa dano e alvoroço. Nestes não se deve, em caso algum, acreditar, até porque abrem caminho à maldade. E também "experimentamos cada dia sua falsidade". E conclui que "assi fica manifesto que esta ciência não foi revelada nem dada por Deos dix pico mirandula" (*Idem*, p. 57).

Para o pensador, já no início da sagrada Escritura, esta verdadeira astrologia já está presente em Abraão. Mas, os que não conheciam Deus, encontraram uma "má astrologia", que aceitava a adivinhação. E dá como exemplo o Egipto e que foi passando aos gregos e aos "latinos", etc. Tudo isto é propício à idolatria, que só vê o "proveito temporal" Tudo isto é criticável.

Mas, quem é filósofo ou teólogo tudo explica de outro modo. O filósofo reduz tudo aos naturais princípios das coisas e refere Platão e Aristóteles, que nos abriram e manifestaram os segredos da natureza, que não eram conhecidos.

Os cristãos, por seu lado, consideram que Deus é a causa de tudo quanto existe, porque "o teólogo todas as cousas põe a Deos" (*Idem*, p. 61).

Há, porém, uma outra razão pela qual não podemos aceitar esta má astrologia, assente no acreditar no poder das estrelas. Elas não têm poder sobre as obras humanas. Ora, Giovanni Pico della Mirandola já tinha afirmado que as estrelas, seres materiais não podem determinar nada sobre os seres espirituais, dotados de livre arbítrio, com a possibilidade de se autodeterminarem.

Frei António de Beja não explora este posicionamento do Conde de Concórdia, mas este é o principal argumento que a sua fonte declarada usa para criticar os juízos dos astrólogos, a quem chama charlatães.

Fundamental é, como refere, "a vontade livre do homem" (*Idem*, p. 67). Estamos perante a tese Piquiana do homem fautor do seu destino, ser dependente ontologicamente de Deus, mas que eticamente tem o poder de se autodeterminar, segundo a sua decisão.

Portanto, não é possível compatibilizar livre arbítrio com adivinhação, com prognóstico, pois isso seria admitir o homem como ser determinado por algo que lhe é inferior.

Frei António de Beja tem consciência de que está é a questão fulcral da crítica aos juízos dos astrólogos, mas, embora a refira algumas vezes, não a tematiza.

Percebemos porquê, dado que estando muito preso de uma compreensão de Deus ainda medievalizante, era-lhe difícil equacionar o tema do livre arbítrio com a omnisciência divina.

Além disso, considera que os falsos astrólogos se querem equipara a Deus, quando refere: "ca fingem estar cheos de divindade". Os astrólogos são usurpadores do que é próprio de Deus. São "presuntuosos" (*Idem*, p. 73). Presumem saber coisas cuja certeza é impossível. A incerteza, quanto aos juízos dos astrólogos é a palavra-chave.

Frei António de Beja volta a usar a autoridade de Giovanni pico dela Mirandola: "porque muitos dos atos humanos procedem do livre arbítrio, ou porque a divina providência tem maior poder" (*Idem*, p. 75).

Claro, os astrólogos feiticeiros gostariam de destruir o "libero arbítrio". Mas isso é fantasia.

Conclusão

Frei António de Beja, filósofo e teólogo, relativamente à obra que comentámos, apresenta uma reflexão centrada na crítica aos falsos astrólogos, tendo como acontecimento o propagado dilúvio universal, que aterrorizou a cristandade. Para tal, usa como fontes autores que criticam a astrologia e os seus enganos. Para a primeira parte da obra, onde trata do dilúvio, Agostino Nifo é fundamental, pois é contemporâneo desta falsa profecia, embora também Giovanni Pico della Mirandola seja uma referência.

Para a segunda parte, apresenta-nos a sua crítica aos juízos dos astrólogos tomando como referência o Conde de Concórdia, referindo: "Cuia doutrina em esta parte com muyta razam desfaz Pico em o seu quinto livro".

Aqui sintetiza as suas críticas. Nesse sentido refere que são três as razões pelas quais não devemos acreditar neles: a sua pouca autoridade, a incerteza, algumas autoridades da Sagrada Escritura.

Mas, também reflete sobre o desprezo que os filósofos revelam relativamente a esta "arte". Sobretudo menciona Platão e Aristóteles que, como diz, "lhe tiveram ódio". Tudo isto, porém, é apresentado de um modo sincrético, citando muitos outros pensadores antigos e medievais, mostrando enorme erudição, e afirmando que todos criticam esta má astrologia. Nesse sentido, menciona; "São Crisóstomo diz que é falsa e para rir" (*Idem*, p. 99). Defende, pois, a boa astrologia, que é um saber seguro e útil.

No Epílogo exibe a intenção desta obra: "Movido somente com zelo fructifero e saudável; a saúde dos fieis (sereníssima senhora) fiz este tractado". A intenção foi mostrar a verdade.

Mas, como se está no domínio da desconstrução polémica, como frade jerónimo termina com uma citação do seu Patrono: "Quem nom quiser beber agoa crara: beba a chea de lama".